

IMIGRAÇÃO EM GOIÁS: AS COMUNIDADES CHINESA E PORTUGUESA EM ANÁPOLIS

Dra. Shirley Eliany Rocha Mattos¹ (Coordenadora)
(shirley.rmattos@gmail.com),
Fabiana Santos Oliveira² (VIC), Nádia Vieira Simão³ (VIC).
Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas.

Resumo: O mundo está vivendo um momento conturbado de movimentos migratórios, muitas vezes forçados, de pessoas originárias de países em estado de guerra ou de pessoas que precisam de oportunidades de melhora do padrão de vida, com forte demanda, em geral, por garantias aos direitos humanos. Nesse contexto, desenvolvemos pesquisa sobre a imigração de portugueses e de chineses para a cidade de Anápolis, Goiás. Nesse caso, não se trata de imigrações forçadas por situações de guerra, mas certamente os envolvidos acreditam no respeito aos direitos humanos e numa melhora de vida no país, especificamente em Anápolis. A pesquisa se desenvolveu em bases bibliográficas e etnográficas, com ida a campo para entrevistas com colaboradores. Enquanto chineses apresentam inibição, em geral, atribuída às dificuldades de adaptação, inclusive linguística, por virem de cultura muito diversa da brasileira, portugueses apresentam desinibição e, por vezes, sentimento de gratidão para com o país hospedeiro.

Palavras-chave: Imigração. Anápolis. Entrevistas. Portugueses. Chineses.

Introdução

Este trabalho trata da imigração de portugueses e chineses para a cidade de Anápolis, localizada no centro de Goiás. Desde a colonização do Brasil, o país vem recebendo imigrantes de diversas nações, como portugueses, japoneses, chineses, italianos, e imigrantes de diversos países africanos, dentre outros, em diferentes temporalidades e por diversas razões.

Dessa mistura de povos e de culturas, crenças, costumes e línguas formou-se uma grande miscigenação, cuja influência se estende inclusive para a língua portuguesa

¹ Professora no curso de Letras do Câmpus Anápolis de CSEH da UEG.

² Pesquisadora de Iniciação Científica no curso de Letras (VIC).

³ Pesquisadora de Iniciação Científica no curso de Letras (VIC).

falada no Brasil. Historicamente, no período da colonização, a língua de Portugal, mesmo sendo a língua da Metrópole, não foi majoritária no território, pois o país se comunicava prioritariamente numa língua geral de base tupi. Apenas a partir do século XVIII o Marques de Pombal instituiu a língua portuguesa como a língua oficial e obrigatória no Brasil. Com o tempo, o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB) foram se diferenciando. Hoje em dia, o PB revela, em relação ao Português Europeu (PE), não apenas diferenças fonéticas e morfosintáticas, mas diferenças outras, resultantes das contribuições de diversos povos que aqui chegaram, inclusive em Goiás. Naturalmente, se adaptaram e compartilharam suas peculiaridades na culinária, na cultura e na fala do PB.

Contudo, este trabalho não foca necessariamente na história da formação do português brasileiro e sim na atualização do fluxo migratório que o Brasil continua a receber, especificamente a migração de chineses e portugueses para a cidade de Anápolis, observando a dificuldade de adaptação dessas populações à língua brasileira.

As etapas de pesquisa foram: um panorama dos povos imigrantes e as circunstâncias e o histórico das imigrações portuguesa e chinesa em Goiás, especificamente na cidade de Anápolis.

Material e Métodos

O projeto em etapas obedeceu às necessidades de complementação, utilizando abordagens diversificadas que considerassem principalmente estudos históricos, etnográficos e sociolinguísticos.

A primeira etapa consistiu em leituras teóricas para a fundamentação da pesquisa e um levantamento do acervo documental e de obras nas bibliotecas e museus sobre as imigrações chinesas e portuguesas em Anápolis. Dentre as leituras realizadas, buscamos, primeiramente, conhecer historiadores que trataram de Goiás como Artiaga (1958), Palacín (2008), Chaul (2002), Polonial (2011), entre outros.

Em etapas subsequentes houve leituras e discussão dos conteúdos apresentados nos volumes do *Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL* (vol. 1, 2). Este Guia é dividido em dois volumes e tem por função nortear a realização de pesquisas sobre o patrimônio cultural e a diversidade linguística, volume 1, assim como oferecer um roteiro de pesquisa, volume 2, com base em pesquisas anteriores.

Posteriormente, foram empreendidos esforços para contato com integrantes das comunidades, captação de suas condições socioeconômicas e do contexto histórico-cultural dos imigrantes. Não houve necessidade de recorrer a comitê de ética, procedimento comum nesse tipo de estudo, pois, conforme o Art. 1º da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016⁴, os participantes não foram identificados, nem pelo nome, nem com base em dados especificadores. A metodologia para a coleta de dados se deu através de entrevistas e conversas informais registradas em diário de campo, com muitas anotações, gravações curtas e anônimas conduzidas pelo entrevistador, com as declarações sendo um importante veículo de informações.

Resultados e Discussão

Através de leituras realizadas, obtivemos alguns dados de imigrantes, e o levantamento do acervo bibliográfico a ser utilizado, partindo de dados referentes à história de Goiás que tem como ponto de partida o final do século XVII e início do século XVIII. Esta época, iniciada com a chegada dos bandeirantes paulistas (1727), foi marcada pela colonização de algumas regiões. O povoamento de Goiás só ocorreu em virtude do descobrimento das minas de ouro no século XVIII. As primeiras bandeiras, de caráter oficial, eram destinadas ou a explorar o interior em busca de riquezas minerais, ou a captura de índios.

Segundo Palacín (2008, p.51), nos primeiros anos da mineração, vieram quase vinte mil pessoas para Goiás, sendo mais de dez mil somente de escravos adultos

⁴ Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em 20 jul 2017.

trazidos para trabalharem nas minas. Assim começam os primeiros fluxos migratórios e imigratórios para Goiás, tendo vindo paulistas, mineiros e portugueses, que adquiriam lavras de ouro, e africanos trazidos para o trabalho de extração nas minas.

Com o fim do ciclo do ouro a população de Goiás foi diminuindo e se isolando do resto do país, passando a trabalhar com a agricultura, somente para sua sobrevivência, e a pecuária, que consistiu na sua principal renda. Com a abolição e a proclamação da República, os políticos passaram a lutar pela vinda de mão-de-obra europeia para impulsionar a agropecuária em Goiás (PALACÍN, 2008, p.123).

A partir dos anos 1930, toma impulso a transferência da capital do Estado de Vila Boa para Goiânia. Goiânia foi construída durante o Estado Novo no governo de Pedro Ludovico Teixeira. Ele como médico usou o seu saber como argumento para a mudança, dizendo que Vila Boa era cercada por serras e era de difícil acesso; o clima era desfavorável; a saúde pública era péssima devido à água insalubre e a proliferação de mosquitos; e não havia condições de urbanização em Vila Boa (ARTIAGA, 1958, p. 282). Entretanto o principal motivo da mudança estava ligado à política. Com a transferência da capital para Goiânia o poder sairia das mãos dos Caiados que dominavam a política em Vila Boa.

Posteriormente, com a construção dos trilhos vieram mais imigrantes para Goiás. Muitos se estabeleceram em Anápolis, o ponto final da estrada de ferro no Estado. Foram um grande número de paulistas e mineiros. Entre os estrangeiros, principalmente japoneses, italianos e árabes (POLONIAL, 2011).

Segundos dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010, a composição demográfica do Estado atualmente aponta a Europa como a origem do maior número de pessoas estrangeiras no Estado, mais de 45%; outros 11,5% são originários da Ásia.

Na primeira etapa da nossa pesquisa, consultamos algumas pessoas que conheciam imigrantes e recebermos informações sobre onde encontrar imigrantes

chineses e portugueses. Descobrimos, então, que ambos estavam mais voltados para o comércio. Dessa forma, formulamos um roteiro de entrevistas com perguntas direcionadas à família, infância, trabalho, passatempo, vida no país de origem, chegada no Brasil e em Anápolis, adaptação no país estrangeiro, entre outras. Em seguida, passamos a visitar estabelecimentos onde provavelmente encontraríamos esses imigrantes.

Fizemos várias visitas aos estabelecimentos para o reconhecimento de campo e para os primeiros contatos com os imigrantes. Depois desse primeiro contato, os abordamos para a realização das entrevistas. Vale ressaltar que ocorreram grandes dificuldades em encontrar pessoas da comunidade portuguesa e chinesa dispostas a falar abertamente. Pareciam pessoas receosas de serem deportadas, talvez por estarem com o visto expirado ou alguma outra situação ilegal. Devido a essa dificuldade foram entrevistados poucos imigrantes de cada nacionalidade.

Encontrar estabelecimentos chineses foi fácil, contudo, devido ao problema de não entendimento do português brasileiro fluente, por parte deles, não foi possível fazer as entrevistas em todos os lugares visitados. Apenas uma imigrante chinesa permitiu ser entrevistada, embora ela tenha ficado um pouco receosa quando pedimos para gravar a fala dela em língua portuguesa, pois achou que iríamos tirar fotos ou filmar o estabelecimento. Após esclarecermos que nosso interesse era a pronúncia dela, deu-se início a entrevista. Persistiu a dificuldade entre entrevistada e entrevistadoras quanto à compreensão linguística. Além disso, estar em horário de trabalho e o estabelecimento estar situado no centro da cidade, próximo a uma rua bastante movimentada, acabou acarretando ruídos que atrapalharam mais ainda a intercompreensão. Mas, apesar das circunstâncias, a entrevista foi muito produtiva, descobrimos que a imigrante mora em Anápolis há quatro anos, é casada e tem um filho, não possui muitos amigos e os poucos que tem, na sua maioria, também são chineses; ela disse que sente saudades do país de origem e que o visitou duas vezes depois da vinda para Anápolis. Basicamente, ela tem uma vida em família, por não conhecer muitos lugares ou pessoas na cidade, e voltada para o trabalho. O

local que ela e o marido trabalham é uma lanchonete sendo de propriedade deles mesmos. O filho, ainda pequeno, fica na lanchonete com eles.

O interessante nessa entrevista foi a possibilidade de vermos a interação que há entre a entrevistada e o seu marido. Ambos falam e entendem o básico do português brasileiro para atender aos clientes, mas quando eles se comunicam entre si, mesmo que estejam na presença de brasileiros, falam em chinês. Isso nos leva a refletir que apesar deles terem tido que se adaptar a um país com uma cultura totalmente diferente da deles, eles ainda cultivam aspectos singulares da sua própria cultura. Isso se mostra também no espaço da própria lanchonete que é decorada com apetrechos próprios da cultura chinesa ou que se remetem à China, como a estátua do famoso gato chinês da sorte, gravuras em 3D de peixes e a cor vermelha da parede.

O mesmo procedimento se deu com a comunidade portuguesa, com a diferença de que entrevistamos apenas um português em Anápolis, também dono de um estabelecimento comercial. O imigrante se disponibilizou a fazer a entrevista prontamente e não se importou em gravarmos, mas como ele precisava trabalhar marcamos outra data para o entrevistarmos. O processo de entrevista com ele foi facilitado por ele compreender e falar bem o português brasileiro, embora ainda carregue consigo o forte sotaque do português de Portugal. Ele foi tão solícito que mesmo após o fim da entrevista a conversa continuou.

Fazer a entrevista com este imigrante foi uma experiência significativa, visto que fomos muito bem recepcionadas e o entrevistado foi muito aberto em responder as perguntas. O português entrevistado é casado com uma brasileira com a qual tem dois filhos. Uma coisa curiosa é que a mulher dele, uma cidadã anapolina, apresenta em sua fala, mais características do português de Portugal do que o próprio marido. Talvez isso ocorra pelo fato dela ter morado em Portugal com o marido durante muitos anos antes de vir para Anápolis. Ele e a esposa se conheceram em Portugal e se casaram por lá. Depois que tiveram o primeiro filho, vieram para Anápolis abrindo um restaurante de comida portuguesa, fazendo cinco anos que residem

aqui. Devido ao restaurante, o entrevistado conhece muitas pessoas e tem muitos amigos na cidade, nenhum deles portugueses, segundo declarou. O restaurante é um lugar simples, mas que remete, da comida à decoração, a cultura portuguesa, tendo o peixe como prato principal do cardápio e uma gravura na parede referente a Portugal.

Infelizmente não conseguimos entrar em contato com mais nenhum imigrante português. Com isso recorremos às mídias sociais, como o Facebook, para encontrá-los, mas ainda assim não conseguimos falar com mais nenhum deles.

Frente aos dados recolhidos da fala da imigrante chinesa e do imigrante português, pode-se apontar algumas facilidades e dificuldades que esses imigrantes encontraram ao chegar ao país. Como facilidade, os imigrantes foram enfáticos na questão da receptividade da população anapolina, dizendo que eles foram bem recebidos e que os anapolinos são abertos, sempre disponível para ajudá-los. Outro fator apontado foi relacionado ao comércio, visto que, comparativamente aos seus países de origem, abrir um comércio no Brasil é mais fácil.

Quanto aos pontos negativos, foram unânimes em se queixar da burocracia para a permanência no país. Outros aspectos apontados foram a precariedade dos serviços públicos no Brasil e as dificuldades no trânsito, queixa mais frequente na fala do entrevistado português.

Apesar das dificuldades da etapa de pesquisa em campo, propriamente dita, tivemos um estudo muito proveitoso. Em apenas **um ano** tivemos intensos estudos e intercâmbios: 1) leitura de obras relativas à história de Goiás e da imigração no Estado; 2) leitura e discussão das orientações do IPHAN para o projeto "Inventário Nacional da Diversidade Linguística", constantes do Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL, vol. 1 e 2⁵; 3) leitura e discussão do Estatuto do

⁵ Disponível em: <

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>>. Acesso em set. 2016.

Estrangeiro⁶ com o propósito de nos instrumentalizarmos para a etapa de saída a campo para as entrevistas; 4) contato com a prof. Luciana Dias, que desenvolve pesquisa, na UFG, em parceria com a FAPEG e o Ministério das Relações Exteriores, a fim de convidá-la para uma palestra no Câmpus Anápolis de CSEH. Infelizmente, a agenda da professora já estava lotada e não pudemos compartilhar de seu conhecimento, mas ela nos informou da consolidação, em Goiás, da adesão ao "Observatorio Latinoamericano sobre Trata y trafico de personas", um espaço independente de articulação para a prevenção, persecução e erradicação da exploração e tráfico de pessoas no Continente e a proteção integral de suas vítimas⁷. Ela ainda, muito gentilmente, nos doou obras que contemplavam o tema da nossa pesquisa; 5) participação em uma reunião muito esclarecedora com alguns membros da equipe do CEP (Conselho de Ética na Pesquisa) da UEG com o propósito de conhecer aspectos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais; 6) organização, juntamente com as professoras Shirley Eliany Rocha Mattos, Sirlene Rodrigues (Letras) e Júlia Bueno (História), de uma Roda de Conversa, em 30 de março de 2017, sobre **Imigração Estrangeira em Anápolis e região**, no Auditório Sebastião França no Câmpus Anápolis de CSEH⁸. Para este evento foram convidadas a Dra. Vannia Guarazy Rios, da Polícia Federal, a Dra. Carla Byanca de Sousa Leal, conceituada advogada da cidade de Anápolis e a Dra. Fernanda Siqueira, sócia da empresa SIAL de advocacia internacional. As conversas giraram em torno das dificuldades linguísticas e das condições burocráticas que prejudicam o entendimento das informações, a legalização da estada no país e até mesmo os empreendimentos de estrangeiros no país. Após as falas, as convidadas responderam a perguntas da plateia. Na ocasião, a prof. Sirlene Rodrigues ressaltou o papel do curso de língua

⁶ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm>. Acesso em abr. 2017.

⁷ Disponível em: < <http://www.observatoriotrata.ac.cr/observatorio>>. Acesso em jun. 2017.

⁸ Informações sobre o evento disponíveis em: <

http://www.ccseh.ueg.br/noticia/30758_grupo_de_pesquisa_realizou_roda_de_conversa_sobre_imigracao_estrangeira_em_anapolis&gws_rd=cr&ei=-6uQWYeQAYKFWgT5r7-wDw>. Acesso em mai. 2016.

portuguesa para estrangeiros do Câmpus CSEH como uma importante iniciativa tanto para o ensino de língua quanto para algum apoio inicial aos estrangeiros. A Dra. Carla Byanca incentivou esse trabalho e apontou-o como um embrião para futuros movimentos visando uma melhoria no acolhimento aos estrangeiros na cidade de Anápolis e a Dra. Fernanda ofereceu seus serviços com a ideia de um período de plantão em órgão de apoio ao imigrante. Enfim, foi um ano intenso de estudos, atividades em campo e intercâmbios com pessoas que muito contribuíram para o bom resultado da pesquisa, ainda que não tenhamos conseguido desenvolver um maior volume de entrevistas com estrangeiros.

Considerações Finais

Nosso trabalho se desenvolveu em várias frentes, como a pesquisa bibliográfica, a ida a campo para observação, anotações e entrevistas com estrangeiros, a organização de evento para tratar de assunto ligado a aspectos legais da imigração, a leitura de legislação pertinente às normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, o contato com profissionais que desenvolvem pesquisa com pessoas em situação de tráfico humano e outros. Tivemos um ano de enriquecimento nos aspectos humano e de conhecimentos acadêmicos. Observamos que os imigrantes que vieram para Anápolis muito têm contribuído para o desenvolvimento da cidade. Em grande medida, são pessoas que se dedicam ao setor do comércio e serviços, como nossos entrevistados que se dedicam ao ramo de alimentação, em lanchonetes e restaurantes. São pessoas que, a depender da facilidade ou não de compreender e de falar a língua brasileira, podem apresentar uma inibição na comunicação, característica, em geral, comum na situação de imigrantes em países cuja língua não dominam. Os conhecimentos que alcançamos nos permitem supor que trabalhos desse tipo precisam de continuação e aprofundamento, além de contribuírem para que a UEG, que já tem um órgão de

assessoramento ao estrangeiro⁹, também atue no acompanhamento das pesquisas sobre o assunto.

Agradecimentos

Agradecemos às pessoas que tornaram possível o desenvolvimento desta pesquisa. Para nossa alegria, elas foram muitas.

Referências

- ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**. Primeiro Tôm. Goiânia, Estado de Goiaz: 1958.
- BRASIL. IPHAN. **Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>>. Acesso em ago. 2015. Vol. 1 e 2.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 2. ed. Goiânia: Ed. Da UFG, 2002.
- INSTITUTO MAURO BORGES/SEGPLAN. **Panorama da migração em Goiás**. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/down/panorama_da_migracao_em_goiias.pdf>. Acesso em 14 de ago. 2016. p.8.
- PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás**. 7. ed. Goiânia: Ed. Vieira, 2008.
- POLONIAL, Juscelino Martins. **Ensaio sobre a história de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.

⁹ Informações disponíveis em: <<http://www.arex.ueg.br>>.